

A DISCIPLINA DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

THE DISCIPLINE OF HISTORY ON PRIMARY EDUCATION

LA DISCIPLINA HISTORIA EN LA EDUCACIÓN BÁSICA

Nelci Aparecida Farias de Oliveira

Aluna do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso.

Maria do Carmo Amaral

Professora Orientadora no Centro Universitário Internacional UNINTER.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo refletir sobre a importância da disciplina História no Ensino Fundamental, bem como as metodologias utilizadas pelos professores. O ensino de História tornou-se uma disciplina decorativa, pois na maioria das vezes são trabalhadas metodologias de mecanização e memorização de fatos históricos, sem noção de tempo e espaço. Para atingir o objetivo proposto foi realizada uma pesquisa bibliográfica, por meio da leitura de artigos, livros e demais documentos disponíveis. Evidenciou-se que a disciplina História é de suma importância e cabe aos professores propiciar condições de produção para que os educandos se deparem com a realidade histórica e assim possam inserir-se nessa realidade e construir um saber histórico, tornando-se cidadãos críticos, sujeitos que fazem parte da história e que fazem a história.

Palavras-chave: Disciplina. História. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This study aims to reflect on the importance of the discipline of History at the primary level of education, as well as on the methodologies used by teachers. The teaching of History has become a decorative discipline, since most of the time methodologies of mechanization and memorization of historical facts are employed, without notions of time and space. In order to achieve the proposed objective, a bibliographic search was performed, through the reading of articles, books and other available documents. It was evidenced that the discipline of History is of the utmost importance and it is up to the teachers to provide conditions of production so that the students face the historical reality and thus can insert themselves in this reality and build a historical knowledge, becoming critical citizens, subjects who are part of history and who make history.

Keywords: Discipline. History. Primary Education.

RESUMEN

El presente estudio tiene el objetivo de reflexionar sobre la importancia de la disciplina Historia en la educación básica, así como sobre las metodologías utilizadas por sus profesores. La enseñanza de la Historia se transformó en una disciplina decorativa, pues, en gran parte de los casos, se usan metodologías que priorizan la mecanización y la memorización de hechos históricos, desvinculados del tiempo y del espacio. Para la obtención del objetivo propuesto, se realizó una investigación bibliográfica por medio de la lectura de libros, artículos y otros documentos disponibles. Se pudo evidenciar que la disciplina Historia es de suma importancia y que cabe a los docentes generar condiciones de producción para que los educandos se encuentren con la realidad histórica y puedan insertarse en ella para construir un saber histórico. Con ello, se formarán como ciudadanos críticos, sujetos activos, que se integran a la historia y que hacen la historia.

Palabras-clave: Disciplina. Historia. Educación Básica.

INTRODUÇÃO

O estudo tem como tema a importância do ensino de História. O termo história vem do grego antigo *histoire*, que significa “procurar”. O conhecimento histórico e sua compreensão é resultado de como os indivíduos interpretam e apresentam o processo histórico (LE GOFF, 1996).

Não é de hoje que o ensino de História é visto como uma disciplina decorativa, onde determinadas metodologias utilizadas em sala de aula levam os educandos à mecanização e memorização de fatos históricos, sem qualquer noção do espaço e tempo. “O passado visto por si mesmo, o passado pelo passado, tem um interesse muito limitado, quase nulo” (BORGES, 1993, p. 08).

Assim, questiona-se como o ensino de História, através de uma metodologia inovadora, pode contribuir para a construção de um aluno crítico e reflexivo dos acontecimentos da realidade.

Tendo em vista o exposto, busca-se com o estudo refletir sobre a importância da disciplina História no Ensino Fundamental, através da análise dos fundamentos teóricos e das diferentes metodologias utilizadas pelos professores no ensino de História, contribuindo assim para que os profissionais da área reflitam sobre sua atuação profissional.

O ensino de História é de suma importância para os indivíduos, pois permite seu desenvolvimento cultural, social e crítico, tornando-os sujeitos mais ativos e participativos na sociedade como um todo. Para isso é imprescindível trabalhar a disciplina História através de uma metodologia que promova os educandos a ser agentes de suas práticas, tornando-os cidadãos conscientes de seus atos na transformação social.

É de fundamental importância refletir sobre as metodologias utilizadas e estudar a História não somente no passado, mas sim no que está acontecendo hoje, bem como sua relação com os acontecimentos atuais.

Para um melhor entendimento do estudo, primeiramente se apresenta um breve histórico sobre o ensino da disciplina História no Brasil. Em seguida encontram-se os pressupostos teórico-metodológicos dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Por fim, reflexões sobre a importância do ensino de História e o uso de metodologias inovadoras para que os educandos sejam capazes de discernir, de maneira significativa, a História.

ENSINO DE HISTÓRIA

Segundo Gasperazzo (2010), a História como currículo no Brasil teve dois importantes momentos. Primeiramente no século XIX, após a independência, quando se objetivou resgatar a genealogia da nação, elaborando assim uma história nacional.

O segundo momento foi por volta de 1830 a 1840, quando surgiu como disciplina obrigatória no Colégio Pedro II, em 1837. Tinha como referência o modelo francês, em que predominavam os estudos literários com ênfase no ensino clássico e humanístico, destinado à formação da elite (GASPERAZZO, 2010).

A história ensinada era a história exclusiva da elite branca, voltada para a Europa e para a mestiçagem da raça brasileira. A serviço dessa história punha-se um currículo humanístico, signo da pertença à elite. Tematicamente, instruía-se acerca da descoberta do Brasil e do processo de independência do mesmo. O Estado era o monárquico, base da integridade territorial e fruto de uma grande nação (BITTENCOURT, 2004, p. 41).

O primeiro regulamento para o ensino de História foi implantado em 1838, o qual determinou que fosse inserida a disciplina no currículo escolar, a partir da 6ª série (OLIVEIRA, 2016). “A construção do código disciplinar da História no Brasil tem como marco institucional fundador o regulamento de 1838 do Colégio D. Pedro II, que determinou a inserção de História como conteúdo no currículo” (SCHMIDT, 2012, p. 78).

O predomínio de uma metodologia e um conteúdo tradicional no ensino de História ainda perdurou por muito tempo. Segundo Schmidt e Cainelli (2009, p. 14), na década de 1980 foram realizadas várias reestruturações dos currículos visando, pela primeira vez, a mudança dessa perspectiva tradicional

[...] Esse momento foi marcado por discussões e debates em torno do ensino de história, os quais giravam, principalmente, sobre novas concepções que deveriam servir de referência para os conteúdos e as metodologias de ensino. O grande marco dessas reformulações concentrou-se na perspectiva de recolocar professores e alunos como sujeitos da história e da produção do conhecimento histórico, enfrentando a forma tradicional de ensino trabalhada na maioria das escolas brasileiras, a qual era centrada na figura do professor como transmissor e na do aluno como receptor passivo do conhecimento histórico.

Em 1988, com a promulgação da Constituição que foi apelidada de “Constituição Cidadã”, ficou clara a importância da disciplina História, principalmente a brasileira, na construção de um cidadão nacional. De acordo com Abud (2011, p. 163), “a produção

histórica brasileira herdou seus elementos constitutivos da historiografia francesa e os adequou à necessidade de construção da identidade nacional brasileira”.

Em 1995 iniciaram-se estudos para elaborar os Parâmetros Curriculares Nacionais, porém somente em 15 de outubro de 1997 foram lançados os PCN para 1ª a 4ª Série, enquanto que os PCN para o Ensino Médio foram lançados em 1998.

O Ensino de História

No ensino de História até a década de 1970 era utilizado o método tradicional. No final dessa década começou-se a adotar o método dialético e posteriormente o método da complexidade (COSTA; WEIDUSCHAT, 2009).

O método tradicional levava o educando a ser um mero receptor, onde o professor tinha o saber mais amplo, e repassava a matéria sem nenhuma significação. O aluno por sua vez, recebia passivamente esses conteúdos (COSTA; WEIDUSCHAT, 2009).

No fim da década de 1970, devido a inúmeras críticas ao método tradicional, os professores começam a repensar sua prática e muitos passam a valorizar o método dialético “que se caracteriza pelo objetivo de elaborar uma história total que supere o velho conceito tradicional do predomínio de um único fator” (COSTA; WEIDUSCHAT, 2009).

A disciplina por muitos anos era centrada numa “concepção positivista e reproduzia uma História dita ‘eurocêntrica’ sustentada pela crença de que o desenvolvimento histórico é resultante de uma ‘ordem’ e de um ‘progresso’ natural” (OLIVEIRA, 2016).

Com o passar dos tempos, especificamente no ano de 1997, começaram a ser reestruturadas as disciplinas, dentre elas a de História, as quais foram adaptadas a um novo estilo de prática pedagógica, criando assim os Parâmetros Curriculares Nacionais.

De acordo com os PCN para o Ensino Fundamental, a proposta foi ampliada para desenvolver a reflexão e debate sobre a importância dos conteúdos curriculares na vida dos educandos e de que maneira eles estimulam o conhecimento histórico (BRASIL, 1998).

Os PCN foram compostos em dez volumes. A disciplina História encontra-se no volume cinco, juntamente com a disciplina Geografia. A seção da disciplina História apresenta-se em duas partes, na primeira encontra-se uma narrativa da história do ensino

de história no Brasil, as transformações ocorridas no século XX, seus objetivos no Ensino Fundamental, os conteúdos e a sua seleção (BRASIL, 1998).

Na segunda parte encontram-se sugestões para serem trabalhadas no Ensino Fundamental, como conteúdos, objetivos e eixos temáticos. Os conteúdos apresentados são somente sugestões, ou seja, não precisam ser trabalhados na integralidade. Cabe ao professor fazer a seleção desses conteúdos e

[...] alguns procedimentos de estudo e atitudes importantes de serem valorizados de acordo com o diagnóstico que faz dos domínios dos alunos e de acordo com questões contemporâneas pertinentes à realidade social, econômica, política e cultural, da localidade onde mora, da sua região, do seu país e do mundo. (BRASIL, 1998, p. 56)

Para o ensino de História os PCN salientam que os conteúdos a serem trabalhados devem ter os seguintes objetivos:

Identificar o próprio grupo de convívio e as relações que estabelecem com outros tempos e espaços;
Organizar alguns repertórios histórico-culturais que lhes permitam localizar acontecimentos numa multiplicidade de tempo, de modo a formular explicações para algumas questões do presente e do passado;
Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos sociais, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles;
Reconhecer mudanças e permanências nas vivências humanas, presentes na sua realidade e em outras comunidades, próximas ou distantes no tempo e no espaço (BRASIL, 1998, p. 41).

Os PCN ao longo dos anos vêm se alterando. Na disciplina História as alterações foram aprovadas por duas leis específicas, que são as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

A Lei 10.639/03 dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de História e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e particulares, desde o Ensino Fundamental até o Médio, a fim de demonstrar que essa cultura também faz parte da formação da sociedade brasileira.

A Lei 11.645/08 por sua vez complementa a Lei 10.639/03, acrescentando na disciplina História a cultura indígena. Segundo Bittencourt (2004) essa lei objetiva trazer à tona a cultura e a história de grupos étnicos que constituem a formação do país, bem como valorizar as diferentes culturas presentes no Brasil.

As mudanças no ensino de História buscam estabelecer nexos entre o presente e o passado, indivíduo e sociedade, história e vida, independente da posição socioeconômica dos indivíduos. Assim, busca-se despertar nos educandos o gosto pela leitura do presente

através de uma conexão com os eventos passados, promovendo, assim, a interpretação, a compreensão, o questionamento e o raciocínio lógico.

Convém salientar que os PCN não são uma proposta curricular obrigatória, mas sim uma proposta flexível que deve ser reelaborada através do projeto educacional e definido os temas a serem trabalhados de acordo com decisões locais e regionais, não se configura, portanto, como um modelo curricular impositivo e homogêneo (BRASIL, 1998).

O Papel do Professor de História

Para Nemi (2009), quando se analisa o ensino de História no contexto escolar, evidencia-se que há um distanciamento entre a vivência do educando e a maneira com que o professor apresenta os conteúdos, os quais geralmente estão fora da realidade.

Para Matta (2004, p. 58):

É notável o desinteresse identificado de alunos e até de alguns professores pela aprendizagem de História, sendo que a causa disso está na forma do ensino tradicional ainda dominante atualmente, que privilegia a erudição, produz a descontextualização do que se estuda em relação aos sujeitos do processo de ensino, promove e defende o individualismo e, além de tudo, desestimula e reprime toda a participação ativa e engajamento crítico dos estudantes.

A História é uma ferramenta importantíssima no processo de construção do indivíduo, pois através da compreensão desse processo o ser humano escreve sua própria história, produz sua cultura e se torna sujeito histórico. De acordo com Fonseca (1997, p. 18):

A proposta de metodologia de Ensino de História que valoriza a problematização, a análise crítica da realidade, concebe alunos e professores como sujeitos que produzem história e conhecimento em sala de aula. Logo, são pessoas, sujeitos históricos, que cotidianamente atuam, transformam, lutam e resistem nos diversos espaços de vivências: em casa, no trabalho, na escola [...].

O ensino de História tem uma função primordial na construção da cidadania e no processo de emancipação social e política. De acordo com as propostas curriculares, evidencia-se que os professores precisam fazer uso de metodologias que estimulem os alunos a pensar, a serem produtivos, capazes de entender e até mesmo de reconstruir a realidade.

A pretensão da disciplina História não é a de tornar o educando um historiador, mas sim ser um facilitador do acesso à construção de conhecimentos históricos, onde “seu compromisso maior é com a facilitação ao aluno do acesso à construção do conhecimento histórico (por meio do uso e do cruzamento de fontes variadas e de diferentes tipos” (BRASIL, 1999, p. 12).

Schmidt e Cainelli (2009, p. 54) destacam que do ponto de vista didático-pedagógico:

[...] só é relevante a aprendizagem que seja significativa para o próprio aluno. Tal fato pressupõe o trabalho com o conhecimento histórico em sala de aula particularmente em duas direções: na primeira, o conteúdo precisa ser desenvolvido na perspectiva de sua relação com a cultura experiencial dos alunos e com suas representações já construídas; na segunda, para uma aprendizagem significativa, é necessário construir, em sala de aula, um ambiente de compartilhamento de saberes.

Para os autores, é preciso que os professores levem para a sala de aula a história dos educandos, propiciando assim “compartilhamento dos saberes”, no coletivo. O professor, por sua vez, conhece a realidade dos educandos e poderá contribuir através de intervenções didáticas para as concepções históricas de cada educando.

Albuquerque (2007, p. 61) ressalta a função do professor, enfatizando que:

Nem sempre se faz a história do mesmo jeito, e ela serviu a diferentes funções no decorrer do tempo. O historiador não pode escamotear o lugar histórico e social de onde fala, e o lugar institucional onde o saber histórico se produz. Por isso, a história como metanarrativa, está em crise. A metanarrativa se faz a partir de um sujeito de discurso que, a pretexto de falar do lugar da ciência, sobrevoaria a história e poderia falar de fora dela, ter uma visão global, de conjunto e não comprometida com os embates do momento.

Assim faz-se necessário mudar esse paradigma de que a História é uma ciência decorativa e o professor como mediador precisa trabalhar confrontando o próximo e o distante, o particular e o geral, para que a atividade docente propicie a valorização da realidade concreta, para depois envolver situações abstratas. “O passado é uma referência de realidade, sem a qual o presente é pura irreflexão” (REIS, 1999, p. 8).

O ensino de História precisa ser motivador e útil, a fim de que se possa desenvolver o pensamento crítico, bem como fazer com que os alunos se sintam atores da própria história. Assim, “as problemáticas estudadas deverão estar integradas nas questões autênticas de vida dos envolvidos” (MATTA, 2004, p. 55).

O ensino de História deve estar relacionado com a problematização dos conhecimentos históricos que ocorreram em alguma época e condições, partindo do pressuposto que a história é coletiva. São, portanto, imprescindíveis novas metodologias, para que os alunos possam interagir e as aulas não se tornem “decorebas”. O objetivo é “fazer o conhecimento histórico ser ensinado de tal forma que dê ao aluno condições de participar do processo do fazer, do contar e do narrar a história” (SCHMIDT; CANELLI, 2009, p. 32).

Segundo Pinsky e Pinsky (2010, p. 28), “quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer”.

Por isso, é importante o estudo e o ensino da história regional, aproximando assim o educando do objeto do estudo. Para Bittencourt (2004, p. 121), o ensino de História precisa superar

A abordagem informativa, conteudista, tradicional, desinteressante e não significativa – para professores e alunos – e que uma das possibilidades para esta superação é sua problematização a partir do que está próximo, do que é familiar e natural aos alunos. Esse pressuposto é válido e aplicável desde os anos iniciais do ensino fundamental, quando é necessário haver uma abordagem e desenvolvimento importante das noções de tempo e espaço, juntamente com o início da problematização, da compreensão e explicação histórica e o contato com documento.

A abordagem da história local faz com que os alunos compreendam com maior facilidade a realidade histórica contribuindo, assim, para o relacionamento com o grupo social ao qual pertencem.

O estudo do regional, ao focalizar o peculiar, redimensionaria a análise do nacional, que ressalta as identidades e semelhanças, enquanto o conhecimento do regional e do local insistira na diferença e diversidade, focalizando o indivíduo no seu meio sócio-cultural, política e geoambiental, na interação com os grupos sociais em todas as extensões, alcançando vencidos e vencedores, dominados, conectando o individual com o social (NEVES, 2002, p. 89).

Dessa maneira compete a escola “desenvolvê-las, propiciando ao aluno condições para se situar historicamente” (ZAMBONI, 1990, p. 71).

Destaca-se, aqui, a importância e o papel do professor de História, quem tem uma enorme responsabilidade na formação de cidadãos críticos, pois “ensinar passa a ser então, dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História” (SCHMIDT; CANELLI, 2009, p. 57).

Segundo Fonseca (2003, p. 89), o professor deve trabalhar a disciplina História como

[...] fundamentalmente educativa, formativa, emancipadora e libertadora. A história tem como papel central a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes individual e coletiva.

Para que a disciplina seja realmente formadora, emancipadora e libertadora é preciso buscar a aproximação do que é ensinado em sala de aula com a realidade dos educandos. Assim, aprender e ensinar História não é algo externo, “a ser proposto e difundido com uma metodologia específica, mas sim algo a ser construído no diálogo, na experiência cotidiana, em um trabalho que valorize a diversidade e a complexidade de forma ativa e crítica” (FONSECA, 2009, p. 125).

O estudo de História é de suma importância, pois a mesma propicia o conhecimento dos mecanismos e dos percursos pelos quais surgiram as relações sociais e o mundo, não somente para tornar os alunos cidadãos mais críticos, mas sim também contribuir ao seu processo de humanização.

Neste sentido, Fonseca (2009, p. 89) afirma que: “A História tem como papel fundamental a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e práxis individual e coletiva.”

O professor de História tem um grande desafio, pois precisa selecionar os conteúdos para trabalhar com seus educandos, o que implica escolhas temáticas e seguir determinada versão dos acontecimentos.

[...] todo estudo histórico, portanto, implica uma seleção, uma seleção minúscula, de algumas coisas da infinidade de atividades humanas do passado, e daquilo que afetou essas atividades. Mas não há nenhum critério geral aceito para se fazer tal seleção (HOBSBAWM, 1998, p. 71).

Além disso, precisa se empenhar para que as aulas se tornem atrativas, onde os alunos reflitam sobre o tema abordado e assim possam construir seu próprio saber.

De acordo com o exposto, pode-se afirmar que o ensino da História é importante, “porque nos favorece compreender o nosso futuro, permite-nos o conhecimento de como aqueles que viveram antes de nós equacionaram as grandes questões humanas” (PEREIRA; PACHECO, 2013, p. 13). Tomar conhecimento e compreender os fatos passados auxiliam na formação do desenvolvimento presente e futuro.

Cabe ao professor de História não somente transmitir o conteúdo didático, mas ser um incentivador para que o educando se sinta parte da disciplina, e instigá-lo para que queira conhecê-la mais, formando assim suas opiniões, ações e ideias. Ou seja, ser um auxiliador, considerando os fatores externos que envolvem a aprendizagem como, por exemplo, a localidade, a cultura, os fatores econômicos, sociais e políticos dos educandos.

Assim, o educando estará absorvendo melhor o conteúdo e estar-se-á despertando a curiosidade e o interesse pelos acontecimentos ao seu redor.

Desenvolver no aluno a capacidade de interessar-se por outras sociedades é uma forma de sensibilizá-lo para as diferenças e evitar os inúmeros anacronismos que podem ser criados pelas ligações equivocadas entre o passado e o presente. Essa conscientização é um meio de aprender a contextualizar determinadas situações da História e evitar analogias duvidosas. Em uma perspectiva mais geral, trata-se de desenvolver a compreensão da alteridade, isto é, da empatia, do interesse e, ao mesmo tempo, de desenvolver o respeito por outros povos e outras civilizações, pois o interesse pelo outro também é uma forma de conhecer a si próprio. (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p.99)

Portanto, pode-se afirmar que o ensino de História não é uma construção individual, precisa de interlocutores para que juntos possam construir sentidos e inserir-se no processo histórico.

Metodologia

O presente estudo tem como base a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa.

A pesquisa é um estudo aprofundado onde são encontrados trabalhos realizados e importantes para o desenvolvimento de novos estudos. De acordo com Cervo e Bervian (1996, p. 49), a pesquisa bibliográfica

procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos, busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto.

Lakatos e Marconi (1991, p. 158) salientam que a “bibliografia é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestido de importâncias por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica é permitir que o investigador tenha acesso a informações mais amplas do que quando realiza uma pesquisa diretamente, ou seja, amplia uma gama de fenômenos dispersos pelo espaço.

Para Koche (2000, p. 122), a pesquisa bibliográfica “é a que se desenvolve tentando explicar um problema, utilizando o conhecimento disponível a partir das teorias em livros ou obras congêneres”. O autor salienta ainda que neste tipo de pesquisa “o investigador irá levantar o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, analisando-as e avaliando a sua contribuição para auxiliar a compreender ou explicar o problema objeto da investigação”.

Portanto, pode-se dizer que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida através de materiais já impressos, como livros, artigos, jornais e sites que versam sobre o tema em pauta.

A abordagem qualitativa da pesquisa, por sua vez, segundo Zanella (2012, p. 124) “busca compreender a realidade a partir da descrição de significados, de opiniões já que partem da perspectiva do participante e não do pesquisador”.

Esse tipo de abordagem “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (GOLDENBERG, 1997, p. 34), ou seja, busca o porquê das coisas e não as quantifica em valores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo evidenciou-se que a disciplina História tem um papel fundamental na educação brasileira e de suma importância na vida dos educandos, para que os mesmos possam construir sua identidade e desenvolver a consciência crítica. Para isso os professores precisam estar constantemente em processo de formação.

Os currículos, com o passar dos tempos, foram transformados e adaptados às realidades atuais, onde os profissionais da educação são os principais agentes dessa transformação e organização curricular. Esses devem propiciar aulas atrativas e dinâmicas, condizentes com a realidade onde vivem e não ficar presos somente aos livros e ao sistema tradicional de repetição e leitura.

O ensino de História precisa abrir espaço para novas leituras de mundo e experiências de vida, oportunizando aos educandos, enquanto sujeitos de sua história, situações que possam desenvolver suas habilidades e competências emocionais, físicas, cognitivas e intelectuais.

Essa mudança é possível através da prática de metodologias inovadoras e atrativas, que visem o processo ensino-aprendizagem enquanto construção do conhecimento e não somente o ensino de maneira fragmentada e acrítica. Assim, os educandos conseguirão identificar as relações sociais do meio onde vivem, refletindo sobre sua realidade e reconhecendo diferenças sobre as relações do trabalho no passado, presente e futuro.

Portanto, o ensino de História deve oportunizar aos educandos a identificação das relações sociais no seu meio de convívio, analisar e refletir os acontecimentos históricos, as transformações tecnológicas, analisando as diferenças principalmente com muito amor e afeto; essas ferramentas são imprescindíveis para uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

ABUD, K. M. A guardiã das tradições: a História e o seu código curricular. **Educar em Revista**. Curitiba, nº 42, p. 163-171, out. dez, 2011.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru-SP: Uduisc, 2007.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BORGES, V. P. **O Que é História**. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental: ciências naturais e humanas**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4 Ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

COSTA, C.O. de; WEIDUSCHAT, E. **Metodologia e conteúdos básicos de História e Geografia**. Indial: Ed Grupo Uniasselvi, 2009.

- FONSECA, S. G. **Ser professor no Brasil**. São Paulo: Papyrus, 1997.
- _____. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- _____. **Fazer e ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.
- _____. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. 12. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.
- GASPERAZZO, M. E. **Os desafios do ensino de História no ensino fundamental**. Artigo. Sistema de ensino ético. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 2010.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- HOBBSAWM, E. **Sobre História**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1998.
- KOCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo, Atlas, 1991.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- MATTA, A. Ensino-aprendizagem de história, projetos e novas tecnologias. In: LIMA, C. A. F. (Org.). **Ensino de História: reflexões e novas perspectivas**. Salvador: Quarteto, 2004.
- NEMI, A. L. L. **Ensino de História e experiências: O tempo vivido**. São Paulo: FTD, 2009.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. **História regional e local do Brasil: fontes e métodos da pesquisa histórica regional e local**. UEFS: Arcádia, 2002.
- OLIVEIRA, R. A. M. de. **O ensino de História numa perspectiva crítica: um estudo de caso na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Lordão – Picuí-PR**. Disponível no site: <http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/historia/o-ensino-historia-numa-perspectiva-critica.htm>. Acesso em 09 de agosto de 2016.
- PEREIRA, J. C. C.; PACHECO, M. B. **O Ensino de História nas séries iniciais**. 2013. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada10/_files/VOvTHqqQ.pdf. Acesso em: 18/08/2016.
- PINSKY, J.; PINSKY, C. B. Abordagens. In: KARNAL, L. (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2010.
- REIS, J. C. **As identidades do Brasil: De Varnhagen a FHC**. 2 Ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. História do ensino de História no Brasil: uma proposta de periodização. **Revista História da Educação**. V. 16, n. 37, maio/agosto, 2012.

ZAMBONI, Ernesta. **Proposta curricular para o ensino de História**. São Paulo> CENP/SEE, 1990.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de estudo e de pesquisa em administração**. 2 ed. Reimpressão. Departamento de Ciências da Administração. Florianópolis: UFSC, 2012.